

CARVALHO, Adélia Aparecida da Silva. A dramaturgia negra e suas especificidades nas peças “Cabaré da Rrrrraça”, do Bando de Teatro Olodum – Salvador; e “Silêncio”, da Cia. dos Comuns – RJ. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários – UFMG; Mestranda; Orientadora. Prof^a. Dr^a. Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa. Professora Substituta EBA/UFMG; Dramaturgia; Encenadora e Atriz.

RESUMO

O Bando de Teatro Olodum, de Salvador; e a Cia. dos Comuns, do Rio de Janeiro, têm em comum a busca por uma escrita contemporânea, centrada em uma estética negra. Mais do que um teatro feito por negros, os grupos buscam colocar em foco as temáticas que dizem respeito às questões dos afro-descendentes, as lutas, o preconceito, as dificuldades, mas também a resistência, as crenças e os rituais ora discriminados, ora absorvidos ignorando suas raízes. Este trabalho objetiva analisar, a partir das peças “Cabaré da Rrrrraça” e “Silêncio”, os elementos convergentes dessas dramaturgias que apontam características específicas de uma escrita afro-descendente.

Palavras-chave: Dramaturgia Negra. Bando de Teatro Olodum. Cia. dos Comuns.

RESUMEN

El Bando de Teatro Olodum, de Salvador y la Cia. dos Comuns de Rio de Janeiro tienen en común la búsqueda de un escrito contemporáneo, centrado en una estética negra. Más de un teatro hecho por los negros, los grupos tratan de definir las cuestiones que se refieren a las cuestiones de los afrodescendientes, las luchas, los prejuicios, las dificultades, pero también la fuerza, las creencias y rituales y discriminados, sino que absorbe por hacer caso omiso de sus raíces. Este trabajo pretende analizar, a partir de las piezas “Cabaré de Rrrrraça” y “Silêncio”, los elementos convergentes de las dramaturgias que indican características específicas de un escrito de afrodescendiente.

Palabras clave: Dramaturgia Negra. Bando de Teatro Olodum. Cia. dos Comuns.

Em primeiro lugar, devemos elucidar o que estamos entendendo, *a priori*, como teatro negro, que é o teatro realizado por companhias, que contêm em seu elenco um expressivo contingente de artistas negros, das quais e para as quais emerge uma relevante produção dramaturgical voltada para o tratamento das questões pertinentes à situação do negro na sociedade e as relações com a herança cultural, religiosa e mítica de um povo que tem como característica muito específica o cruzamento de relações:

A cultura negra é o lugar das encruzilhadas. O tecido cultural brasileiro, por exemplo, deriva-se dos cruzamentos de diferentes culturas e sistemas simbólicos, africanos, europeus, indígenas e, mais recentemente, orientais. Desses processos de cruzamentos transnacionais, multiétnicos e multilinguísticos, variadas formações vernaculares emergem, algumas vestindo novas faces, outras mimetizando, com sutis diferenças,

antigos estilos. [...] A noção de encruzilhada, utilizada como operador conceitual, oferece-nos a possibilidade de interpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emergem dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e se entrecruzam, nem sempre amistosamente, práticas performáticas, concepções e cosmovisões, princípios filosóficos e metafísicos, saberes diversos, enfim (MARTINS, 2002, p. 73).

Cabe destacar que esse lugar de encruzilhada, para o teatro e a dramaturgia, especificamente, permite a elaboração de uma literatura rica em especificidades.

No Brasil, a bandeira da Negritude foi empunhada pelo Teatro Experimental do Negro desde a sua fundação em 1944. Quer no plano artístico, quer no campo social, o Teatro Experimental do Negro vem procurando restaurar, valorizar e exaltar a contribuição dos africanos à formação brasileira, desmascarando a ideologia da branquitude (...) (NASCIMENTO, 1961, p. 19).

Esse teatro, que começa a se desenvolver pelo TEN (Teatro Experimental do Negro) toma proporções cada vez maiores no país. Inicialmente o grupo coloca em cena o negro representando diversos textos da dramaturgia universal, mais adiante coloca em cena o negro representando o negro, em espetáculos nos quais além da atuação, emerge um discurso dramático com as questões pertinentes aos negros e o seu posicionamento perante o mundo.

No *Bando de teatro Olodum* e na *Cia. dos Comuns*, novas transposições vão sendo experimentadas nas criações dramáticas coletivas, na estrutura fragmentada e no diálogo, cada vez mais próximo das artes performáticas. Cada vez mais os atores falam por si mesmos, abandonam as personagens “cansei de falar em Teatro através de outros. Dá um tempo!” (CIA. DOS COMUNS, 2007).

Apesar de nem sempre terem acesso às mídias e de seus trabalhos não serem geralmente divulgados, muitos são os grupos de teatro negro no Brasil, na atualidade, descobrindo formas de diálogo próprio que valorize a Cultura Negra. Esses grupos constroem, além de uma linguagem cênica, uma linguagem dramática muito específica que precisa ser analisada atentamente.

O que nós precisamos são das nossas histórias. Das histórias da nossa família, das histórias do cotidiano. Nós estamos precisando da história da história das nossas mães, das nossas avós, dos nossos tios, dos nossos filhos. Essa história vivida, vivenciada, é que nós estamos precisando colocar no palco, colocar no livro, colocar no cinema e na televisão. O negro brasileiro só absorve a história do branco, na literatura, no cinema e na televisão. Só a figura do branco é o núcleo ficcional e, quando não, é a visão do branco sobre a figura do negro que prevalece. Em arte, o branco continua o ventríloquo do negro. Essa ventriloquia só pode ser detectada se o artista estudar as ideias que estão em jogo nas relações raciais (SILVA, 2005, p. 78).

Esse posicionamento do indivíduo negro no mundo e a focalização de suas questões é o tema principal das peças desenvolvidas pelo *Bando de Teatro Olodum*, de Salvador, fundado em 1990; e pela *Cia. dos Comuns*, do Rio de Janeiro, fundada em 2001.

Com as peças “Cabaré da Rrrraça” e “Silêncio”, os grupos desenvolvem uma dramaturgia que persegue essa necessidade de redescobrir a própria voz. Uma

escrita criada a partir da manipulação da memória pessoal e coletiva. Em “Cabaré da Rrrrraça”, ficção e realidade são intercaladas com o objetivo de ampliar o foco sobre a condição do negro na sociedade.

ROSE MARIE:

Negra, eu? Eu nasci bem, sou de boa família, nunca tive problemas financeiros, tenho minha empresa, o gerente no banco onde tenho conta me dá tratamento vip. Não entendo isso que vocês estão discutindo aqui: questão de raça, de cor?... Eu, Rose Marie, nunca fui discriminada. (dança como se tivesse encarnado uma entidade, transforma-se. Fala a atriz.) Agora eu, Rejane Maia, atriz... sou discriminada desde a hora em que acordo, e vejo a condição de vida das pessoas que moram na comunidade em que vivo, Ogunjá/Boa Vista de Brotas. Sou discriminada quando pego o ônibus e criticam minha roupa, meu cabelo. Sou discriminada quando vou ao supermercado e o fiscal me segue como se eu estivesse roubando. Eu paro e digo: “Qual é, meu irmão? Perdeu alguma coisa?”. Sou discriminada porque sou mulher e porque sou negra e muitos acham que eu devia estar pilotando o fogão da cozinha de alguém ou usando minha força para limpar a sujeira de suas casas ou de sua cidade; que o leite farto de meu peito devia estar alimentando os filhos dos outros; que minha bunda firme e dura devia estar nos motéis da vida. Mas sou mulher e sou negra e me orgulho do meu nariz largo, de minha pele escura, do meu cabelo crespo, das minhas ancas e da minha história. (...) Sou mulher e sou negra e meu leite vai para os filhos que saírem do meu ventre ou para aqueles que eu resolva adotar. (...) Minha mãe não é Nossa Senhora é Naña Boroquê (MEIRELLES, 2005. p. 4).

Na peça, além de Rose Marie, outras personagens da ficção não percebem (ou não assumem) a sua condição de negro e de discriminado, mantêm-se em uma ilusão que só é quebrada pelo choque com as “personagens” da realidade. Mas são essas diferentes perspectivas que criam uma forma de desvendar o racismo, que está presente, tantas vezes, camuflado numa falsa atitude de aceitação.

O que é ser negro no Brasil, e como se manifesta o racismo entre nós? Criamos personagens de diversas classes sociais, com diferentes pontos de vista sobre a questão racial e colocamos outras questões para serem respondidas pelos personagens e pelo público (MEIRELLES, 2005. p. 29).

“Cabaré da Rrrrraça” é uma peça que se assume panfletária e recusa a alienação.

WENSLEY:

Boa noite, resistência. Boa noite, brancos. Este é um espetáculo didático, panfletário e interativo. Portanto... Meu nome é Wensley de Jesus. Sou negro e estou fora. (MEIRELLES, 2005. p. 2).

Separa claramente o negro e o branco e inverte a discriminação, numa tentativa de mostrar por meio da arte, de um processo de ficção o desconforto que essa situação pode gerar.

Em “Silêncio”, da *Cia. dos Comuns*, estão os depoimentos coletivos poeticamente inseridos na construção dramatúrgica, denunciando o emudecimento das vozes diante dos padrões culturais hegemonicamente brancos.

ANNA PAULA:

Ele vem à noite e não me traz flores. Entra pelo telhado, se joga em minha cama, abre minhas pernas, rouba meus sonhos e eu me despeto. Mal-me-quer; bem-me-quer. A

gata grita no telhado de onde ele veio. Dizem que pinto de gato tem espinhos. Machuca. Eu também grito no bumbo no meu peito. (...) ele me come e eu olho o teto. Vejo os meninos correndo, os filhos que ele não quer ter comigo. Os dele balançam os cabelos ao vento. Saíram à mãe, me diz orgulhoso, (...) ele não quer ter filhos parecidos comigo, nem parecidos com ele. Se reclamo do sexto de gato, dos encontros furtivos, ele me diz que sou a mulher da vida dele, igual a ele, de pele e alma. Só na minha cama ele dorme tranquilo por algumas horas (...) Na cama de todo dia não consegue dormir (...) Diz que o inimigo dorme ao lado. Por isso ele está sempre em riste e mete por cima para ela saber quem manda. E dá uns tabefes nela para lembrar que é o senhor da força. (...) Na guerra é assim, o vencedor come a mulher do inimigo. Você não entende? (...) Não quero um espelho para ver meu rosto cansado, quero a mulher do inimigo, para me sentir vitorioso e para fazer meus filhos que não se pareçam comigo, que sofram menos do que eu (CIA. DOS COMUNS, 2007).

Por ser um texto poético, emergem os mais diversos signos em cada fala. Esse homem que não assume a mulher negra, não corteja, não quer conquistá-la, nem dar a ela o seu amor, não quer viver com ela uma vida, mas quer roubar-lhe a vida, os sonhos. Esses e tantos outros signos, presentes nesse trecho da peça, apresentam o depoimento coletivo de mulheres negras, conhece-se essa discriminação na pele. E aqui o homem também é um negro, e mesmo assim a negra não lhe serve. Quantos e quantos negros, após uma ascensão social trocam suas mulheres (ou namoradas) negras por loiras? E por que essa realidade precisa continuar silenciada?

“Silêncio” aborda, não o silêncio, mas os vários silêncios aos quais os negros são submetidos, pelo racismo, ora escancarado, ora velado, mas inegavelmente, presente na sociedade contemporânea:

Como seria esse silêncio? Silêncios históricos, silêncios individuais, guerras, terrorismos, valores esquecidos, os silêncios dos povos ainda manipulados, ainda subjugados. Os silêncios e os gritos. Quantos gritos ainda não gritados, na vida de uma gente comum, na vida de tantos homens e mulheres negras do nosso mundo? Silêncios de dor, gritos de felicidade; silêncios de paixão, gritos de prazer, silêncios poéticos, gritos sonoros... quantos sons novos e milenares poderão ser construídos em suas gargantas? (CIA. DOS COMUNS, 2007).

A peça mantém algumas características dos espetáculos anteriores da Cia., tais como música ao vivo, inspiração na religiosidade de matriz africana e acrescenta ainda outros elementos como: estrutura fragmentada (não linear), referências a obras de autores afro-descendentes como a romancista Conceição Evaristo (Ponciá Vicêncio) e o poeta Cruz e Souza (Ressurreição), utilização da mitologia africana, aproximação com o surrealismo; tudo isso alimentando o desenvolvimento de uma dramaturgia própria, com o objetivo de colocar em cena, não personagens, mas “experiências”, sem compromisso com o rigor lógico da escrita dramática.

O desenvolvimento dessas características, presentes na escrita da peça “Silêncio”, e claramente detectados na construção dramática de “Cabaré da Rrrrraça”, apontam para a busca de uma escrita especificamente negra. Se em 2005, Marcio Meirelles (p. 20) podia afirmar que

Não existe ainda uma dramaturgia, uma estética nem uma sistemática de transposição para os palcos dos problemas atuais do negro no Brasil como tema, nem de tradição cultural como matéria-prima. Afora uma ou outra experiência pontual – ainda que do mais alto nível e da maior importância, como a de Abdias do Nascimento, com o Teatro

Experimental do Negro, no Rio; de Godi, com o Grupo Palmares Ñaron, em Salvador; e de poucos outros exemplos de exceção espalhados pelo tempo e pela imensidão de nosso território – só agora é que o negro começa a invadir os palcos e as telas como figura central de um novo modo de ver esse país através das artes da representação.

Hoje podemos acreditar que cada vez mais elementos característicos de uma estética própria do teatro negro se refletem na escrita e na encenação de espetáculos, de grupos como o *Bando de teatro Olodum* e a *Cia. dos Comuns*. Compreende-se que é através da libertação de um discurso próprio, que se permite construir uma escrita (tanto dramaturgica, quanto cênica) repleta de elementos que tornam específica a estética do teatro negro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COBRA, Hilton (encenação). **Silêncio**. Rio de Janeiro: Caderno de apresentação do espetáculo da Cia. dos Comuns, 2007. (Impresso sem numeração).

MARTINS, Leda. Performances do tempo espiralar. In: **Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais** (Org. Graciela Ravetti e Márcia Arbex). Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Faculdade de Letras/UFMG, 2002. pp. 69-92.

MEIRELLES, Márcio. **Cabaré da Raça**. Programa e texto da peça, 2005.

NASCIMENTO, Abdias do. **Dramas para negros e prólogo para brancos**: Antologia do Teatro Brasileiro. Rio de Janeiro: TEN, 1961.

SILVA, Luiz (Cuti). Literatura negra e Dramaturgia. In: **I Fórum Nacional de Performance Negra** (Org. Gustavo Mello e Luiza Bairros). Salvador (Anais), 2005. pp. 77-88.